

# O PARTIDO NAZISTA NO NORDESTE BRASILEIRO NA ERA VARGAS

*Ana Maria Dietrich*  
Professora Doutora da Universidade Federal do ABC (UFABC)  
E-mail: ana\_diet@hotmail.com

**Palavras-chave:** Nazismo no Brasil. Nordeste. Bahia. Era Vargas.

## Introdução

Em 1939, foram contabilizados 87.024 imigrantes alemães no Brasil, que tinha uma população na época de 30 milhões de pessoas. O número de alemães nos estados é proporcional aos germânicos filiados ao partido nazista. São Paulo, estado que possuía mais alemães natos em 1940 (GERTZ, 1987, p. 18),<sup>1</sup> foi também o de maior número de adeptos (785 filiados). Em seguida, vieram os estados do Sul e o Rio de Janeiro, sendo que este último mostrou-se em terceiro lugar. Os 17 estados brasileiros em que o partido nazista funcionou, em ordem decrescente por número de adeptos, são: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Pará, Goiás, Paraíba, Ceará, Amazonas, Sergipe e Alagoas.

Mesmo com o grande agrupamento de alemães nos estados do Sul e Sudeste, não se pode desconsiderar a presença de representantes desta comunidade nos estados do Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Destes, Bahia e Pernambuco apareciam com maior reunião de alemães (mais de 500), seguidos do Mato Grosso (426). Também, neste caso, o número de alemães foi proporcional ao de partidários. Em alguns destes estados, o total de partidários não chegou a 10 (Ceará, Amazonas, Sergipe e Alagoas) e em outros não foi registrada a presença do partido (Rio Grande do Norte, Acre, Maranhão e Piauí).

Acompanhando-se a formação dos círculos, grupos locais e pontos de apoio do partido nazista no Brasil, percebemos que, embora a presença expressiva do partido nos estados sulinos, onde havia maior representação de alemães, os primeiros grupos do partido se

---

<sup>1</sup> O autor faz uma observação com relação a este número, uma vez que nos Estados do Sul existem vários descendentes de alemães e alemães naturalizados que não aparecem neste levantamento.

situavam também nos estados do Nordeste — caso da Bahia e Pernambuco, com maior número de integrantes — e no Norte, caso do Pará.

Mesmo que a historiografia brasileira tenha se concentrado em estudos relativos à colônia alemã no Sul do Brasil, havia grupos germânicos por todo o País, no total 17 estados. Tais grupos, a exemplo do que acontecia na região sulina brasileira, também tiveram seus representantes ligados ao governo nazista e estabeleceram grupos regionais do partido ou pontos de apoio. Também comemoravam as datas festivas do III Reich, organizavam-se em clubes, escolas e publicavam jornais em língua alemã. A tabela mostra a proporção equivalente entre o número de alemães de cada estado e o número de partidários, a preponderância numérica dos grupos do partido do Sul e Sudeste e a presença, mesmo em menor proporção, do partido em estados do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste:

#### **NÚMERO DE FILIADOS / alemães por região do Brasil (1930/ 1940)**

<b>Sudeste</b>		
São Paulo	785	33.397
Rio de Janeiro	447	9.475
Minas Gerais	66	2.095
Espírito Santo	41	623
<b>Total</b>	<b>1.339</b>	<b>45.590</b>
<b>Sul</b>		
Santa Catarina	528	11.291
Rio Grande do Sul	439	15.279
Paraná	185	12.343
<b>Total</b>	<b>1.152</b>	<b>38.913</b>
<b>Nordeste</b>		
Pernambuco	43	672
Bahia	39	542
Sergipe	1	47
Alagoas	1	45
Paraíba	21	115
Ceará	4	140
<b>Total</b>	<b>109</b>	<b>1.561</b>
<b>Norte</b>		
Pará	27	186
Amazonas	4	64
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>250</b>
<b>Centro-Oeste</b>		
Goiás	23	284
Mato Grosso	31	426
<b>Total</b>	<b>54</b>	<b>710</b>
<b>Sem informação de local</b>	137	-

Ao traçar a história do partido nazista no Brasil em seus diferentes núcleos regionais, foram analisadas algumas questões. A primeira é a dimensão do Brasil aliado as suas

diferenças regionais. Instalar um partido no Pará, próximo à selva Amazônica, no litoral de Recife e entre as colônias agrícolas alemãs de Santa Catarina, só para citar três exemplos, tem uma grande diferença, tanto de clima, como de costumes, de hábitos, de conjuntura política e de economia local. A história do partido foi marcada por tais peculiaridades que aqui serão interpretadas como as múltiplas formas de tropicalizações do nazismo.

Como o maior grupo de partidários fora da Alemanha, com 2900 integrantes, a expressividade do partido nazista no Brasil não passou despercebida pelas autoridades nacional-socialistas. O enviado da Alemanha Schmidt-Elskop, por exemplo, descreveu a situação da seguinte maneira: “Em nenhum lugar nas terras do além-mar vivem alemães e descendentes em tal número em colônias fechadas como no Sul do Brasil” (ANLAGE 3, 25 abr. 1935).<sup>2</sup> Haveria, entretanto, dificuldade para aceitação do partido pelos descendentes de alemães, já há algumas gerações estabelecidas no Brasil e que, até então, haviam vivido sob um regime liberal. Segundo Elskop (ANLAGE 3, 25 abr. 1935), eles não queriam incorporar alguns dos valores da “nova Alemanha”, como o país passou a ser chamado na época do III Reich. Elskop (ANLAGE 3, 25 abr. 1935) afirma que os alemães e descendentes estabelecidos no Brasil haviam transformado a ideologia nazista e desenvolveram um novo sentimento no lugar do tradicional *Deutschtum*, que seria o *Deutsch-Brasilianertum* (germanismo brasileiro). Suas características, além da estranheza aos integrantes do partido, seria a reivindicação para participar da política local.

## **I Bahia: comemoração de São João e aniversário de Hitler**

Assim como os outros grupos de alemães estabelecidos no Brasil, a comunidade germânica da Bahia sofreu uma mudança de orientação com a chegada de Hitler ao poder. Em torno das notícias da ascensão econômica promovida pela Alemanha, houve uma reestruturação do sentimento nacionalista nestas colônias. Segundo o relatório anual da Associação Alemã Germânia, a pátria mãe (*Heimat*) tinha sofrido mudanças em 1933 que influenciariam tanto o *Auslandsdeutschum* (germanismo no exterior) quanto às relações Brasil-Alemanha.

A estruturação do círculo local do partido nazista não impediu a tropicalização do nazismo. A comunidade alemã festejava, por exemplo, as festas brasileiras como o carnaval, São João e festa da primavera “com grande popularidade”,<sup>3</sup> mas não esquecia das tradicionais

---

<sup>2</sup> Relatório de Schmidt-Elskop. Deutsche Gesandtschaft. Deutschum. AA/B, Alemanha.

<sup>3</sup> Jahres-Bericht. *Deutscher Verein Germania*. Bahia, 1933.

festas alemãs, como os chás dançantes e concertos de pianistas e violinistas em homenagem a Richard Wagner, artista predileto de Hitler. Os encontros festivos e reuniões partidárias aconteciam na sede da Associação Germânia da Bahia que, em 1933, completou 60 anos. Uma mudança ocasionada em função da estruturação do partido foi a substituição, em alguns dias da semana, dos jogos de futebol pelos encontros do partido nazista local, realizados no ginásio esportivo desta associação.

O fundador desta associação foi Augusto Westphal, um veterano da guerra de unificação alemã de 1870 que, em 1934, morava em Porto Alegre. Desde a segunda metade do século XIX pode-se verificar a presença da comunidade alemã em diversos bairros da Bahia, por exemplo, em Garcia, Bom Gosto, Gamboa, Canela, Barra e Farol. Em comparação a outros estados brasileiros, a Bahia não foi vista como um campo para especulação, mas sim um lugar de “desenvolvimento calmo”. Para expressar melhor esta ideia, o integrante do Germânia, Wilhelm Overbeck, no discurso do 60º aniversário da associação, utilizou o dito popular: “Um jovem marinheiro na Bahia pode se tornar um grande comerciante, mas aí ele volta a ser um marinheiro” (DEUTSCHE KLUB PERNAMBUCO, 1934, p. 2).

Um dos ramos de atividade exercido pelos imigrantes alemães foi a exportação de tabaco. O lado “exótico” também é descrito por Overbeck. Segundo ele (DEUTSCHE KLUB PERNAMBUCO, 1934), na segunda metade do século XIX, por exemplo, era possível subir a ladeira sendo confortavelmente carregado por dois negros,<sup>4</sup> o que custaria uma batáca (320 réis). Mas também teria seu lado negativo, como a epidemia de febre amarela que, em 1851, chegou a Santos (SP) e depois atingiu a então capital brasileira, Rio de Janeiro, e depois a Bahia.

As relações com a comunidade germânica foram abaladas pela deflagração da 1ª Guerra Mundial e o posicionamento do Brasil contra a Alemanha. Muitas empresas alemãs teriam sido mandadas para a lista negra, como a Firma Behrmann & Cia e o Banco Alemão. Mas, na década de 1920, as relações voltaram a melhorar e, em 1933, estavam boas. “Todos os participantes não-alemães são bem recebidos em nossa associação” (DEUTSCHE KLUB PERNAMBUCO, 1934, p. 3), enfatizou Overbeck. Além disto, a própria cidade passou por um intenso desenvolvimento e se instalou uma atmosfera de paz onde foram enfatizadas as boas relações entre a colônia — principalmente os mais jovens — e os brasileiros.

---

<sup>4</sup> Refere-se aqui ao transporte de pessoas feito por negros escravos, que poderia acontecer em redes ou em “cadeirinhas”. Disponível em: < [http://www.fetranspor.com.br/revista25\\_historia\\_transporte.htm](http://www.fetranspor.com.br/revista25_historia_transporte.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2010.

O prédio da antiga firma alemã da cidade, Westphalen Bach & Krohn, foi reformado. Uma rua foi rebatizada como rua Alemanha, que seria um símbolo para extinguir os tempos de guerra. Outras inovações chegaram à cidade, como o correio por via aérea, o telégrafo e o telefone. Restabeleceu-se também um novo círculo com associações alemãs, desde escolas, até empresas e igrejas, o que foi chamado de persistência do *Bahideutschum* (germanismo baiano). A cidade passou novamente a sediar o Banco Brasileiro para Alemanha e o Banco Alemão Transatlântico. Na mesma linha dos discursos dos partidários e simpatizantes, Overbeck (DEUTSCHE KLUB PERNAMBUCO, 1934) afirmou também que a chegada de Adolf Hitler ao poder, com sua promessa de construir um novo Reich, fez com que a colônia alemã na Bahia ganhasse novas esperanças e fez votos que o novo cônsul deste estado viesse a fortificar o vínculo com a Alemanha, sem esquecer os interesses dos colonos.

A historiografia já abordou o apoio de alguns órgãos da imprensa brasileira à política do III Reich. Seria o caso do *Diário de Notícias*, publicado em Salvador, que se tornara uma espécie de porta voz dos interesses germânicos e atuava como peça de propagação dos ideais nazistas em terras baianas. Segundo José Carlos Peixoto Júnior (2004), de 1935 a 1941, o jornal fez campanha política francamente adepta das idéias nazistas. Em janeiro de 1935, por exemplo, ao comparar o regime de Vargas que nasceu com o evento de 1930 e o III Reich, o *Diário de Notícias* afirmou que o Brasil devia seguir o exemplo de Hitler e comemorou o aniversário dos dois anos da “revolução” alemã.

Em 1936, encontram-se novos registros da atuação do Grupo Regional da Bahia, com a promoção de uma festa deste grupo em conjunto com a Frente de Trabalho Alemã. O líder do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, estava presente e fez uma palestra sobre os objetivos do nazismo no Brasil, onde chamou os alemães no exterior, em especial os presentes naquele grupo do partido, a participar do movimento. Segundo Cossel, eles representariam uma “variável de muito valor” para a Alemanha e deveriam ser representantes da sua pátria mãe, colocando-se a dispor para o trabalho de construção da nova Alemanha.

Segundo o relatório escrito pelo enviado alemão Rubert Knipping (1936), a maior e mais antiga colônia alemã, nestas regiões, se localizava na Bahia, com 600 pessoas. Este estado, na década de 1920, encontrava-se em crise de mão-de-obra, devido ao fim da escravidão no final do século XIX. Os germânicos que moravam ali se dedicavam à cultura do tabaco e do cacau, mas já se encontrava uma produção fabril incipiente, com fábricas de cigarro no interior do estado, que empregavam alemães imigrantes.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Relatório de Rubert Knipping, enviado almejo ao Brasil (1925-1933). Rio de Janeiro, 25 out. 1936. R127507. AA/B, Alemanha.

Estes alemães sofriam também nesta época alguns resquícios da I Guerra, mas o saldo foi considerado bom. “As pessoas podem falar de uma simpatia pelos alemães neste estado”,<sup>6</sup> escreveu Knipping. Esta simpatia se estenderia aos representantes locais. A Bahia seria, portanto, segundo o relatório, o único estado brasileiro que a fundação pró-aliados na I Guerra não teria influenciado a população, principalmente pela proteção do chefe de polícia à comunidade alemã. Em Ilhéus (BA), os alemães imigrados se dedicavam a atividades agrárias com o cultivo de cacau, café, açúcar, tabaco e algodão.<sup>7</sup>

Tanto na Bahia quanto em Recife, foram destacadas também a presença de alemães em ordens religiosas como os franciscanos e beneditinos. Foram contabilizados cerca de 60 franciscanos alemães em missões indígenas na Bahia e Olinda, dos quais 26 foram ex-combatentes da I Guerra.<sup>8</sup>

## **II Pernambuco e o clube que sediava nazistas locais**

O círculo local do partido nazista em Pernambuco funcionou desde 1932. O clube alemão deste estado, pelo seu periódico mensal, seria o grande propagador dos encontros nazistas. Em sua sede, no local dos seus ginásios esportivos, eram realizadas as reuniões do partido. O jornal do clube, a partir de 1934, passou a estampar em sua capa a bandeira brasileira ao lado das duas bandeiras nazistas: a primeira com a suástica e a segunda, de cores preta, branca e vermelha, era utilizada no Estado alemão para fins nacionais de comércio entre 1933 e 1935. A partir de 1936, o periódico passou a estampar apenas a bandeira com a cruz gamada e a brasileira.

Muitas casas comerciais de Recife anunciavam no jornal, como por exemplo “A Preferida”, de tecidos e “A Condessa”, de máquina de costura. Em maio de 1936, a publicação estampou uma propaganda da festa de 1º de maio que se daria no Clube Alemão. Na ilustração, abaixo da foto de três homens, havia a legenda: “Dia do Trabalho — Brasil — 1936” estampada com a suástica. No anúncio, constava também a observação: “É o maior dia festivo do nosso povo na nova Alemanha, ninguém deve faltar” (DEUTSCHE KLUB PERNAMBUCO, n. 71, maio 1936). Outra data festiva do III Reich, comemorada no mesmo ano, foi a festa do dia 30 de janeiro, celebração da chegada ao poder de Adolf Hitler.

---

<sup>6</sup> Relatório de Rubert Knipping, enviado almejo ao Brasil (1925-1933). Rio de Janeiro, 25 out. 1936. R127507. AA/B, Alemanha.

<sup>7</sup> Id.

<sup>8</sup> Id.

Porém, a programação do clube alemão não era feita apenas por festas do calendário nazista. Percebe-se também uma mistura entre manifestações da cultura popular brasileira e do nazismo, que se *tropicalizava*. Por exemplo, nos anos de 1935 e 1936 — logo após a comemoração do 1º de maio e do solstício, ambas festas comemoradas também na Alemanha, — houve, em 24 de junho, um Baile de São João, festa tradicionalmente brasileira, com canjica, fogueira e fogos de artifício. No programa do clube, bilíngüe, os autores do jornal não acharam uma palavra para o típico doce da culinária brasileira, a canjica, e deixaram-na versada em português no programa escrito em alemão. Os outros programas daquele mês foram típicos da cultura alemã, como o torneio de tiro e concertos de música. Em 1934, foi publicado um jornal extra sobre o carnaval na cidade, com músicas carnavalescas em alemão e charges. Neste número, o jornal descreveu em forma de crônica a cidade de Recife, chamando os germânicos que moravam em *zona tropical* para atentar às diferenças com a Europa, como por exemplo, o sol do norte e as praias com areias brancas. Porém, havia também uma observação do crescimento da cidade que traria “uma ameaça constante de perigo” (DEUTSCHER KLUB PERNAMBUCO, n. extra, 1934).

O jornal do clube alemão em Pernambuco foi um dos mais radicais periódicos de orientação nacional-socialista no Brasil. O clube, em 1934, fez questão de mudar seus próprios estatutos para melhor se adaptar ao regime de Adolf Hitler. Procurava-se, assim, levar as idéias nazistas aos vilarejos mais distantes e também a responsabilidade de se lutar pelos ideais deste Estado.

Grande parte da colônia alemã, segundo o jornal, havia participado das festas realizadas no mês de maio, organizadas pelo consulado e pelo partido nazista. No jornal do clube, eram publicados discursos dos membros do partido da Alemanha e do Brasil; entre eles, alguns especificamente contra os judeus.

Assim como na Bahia, o clube também oferecia os seus próprios espaços, como por exemplo, a quadra de boliche para se realizar as reuniões e eventos do partido. Assim, seus dirigentes decidiram a elaboração de um trabalho conjunto entre o clube e o partido. Como símbolo desta parceria, o quadro de Adolf Hitler, que fora trazido na festa de 1º de maio, passou a figurar as paredes da sede. A posição do clube e do seu jornal, no entanto, não foi bem recebida por toda a comunidade alemã. Alguns membros elaboraram um abaixo-assinado de protesto. Porém, eles deixavam claro que não eram contra o governo do III Reich, *mas sim contra a veiculação de propaganda política partidária no jornal*. Tal manifestação não surtiu efeito, uma vez que, nos números subseqüentes, os proprietários levaram adiante a mesma linha editorial e o clube continuou sendo palco de festividades nazistas.

Em janeiro de 1936, a comunidade alemã em Recife comemorou o dia da chegada ao poder de Adolf Hitler. Compareceram 120 pessoas no salão de festas do clube. Foi feito um desfile com a bandeira e, em seguida, vários partidários do círculo local discursaram. O simpatizante Kalk (1936) fez um apelo aos membros do povo para que “finalmente se unam e lutem em conjunto para se formar uma comunidade unida” (KALK, 1936, p. 1). Lembrou também que o serviço de Ajuda de Inverno do grupo de Recife havia arrecadado 20 contos de réis. O partidário Angermann abordou o renascimento econômico da Alemanha. Em consonância com o discurso vigente na Alemanha nazista de extirpação da fome e do desemprego, ele afirmou que o nacional-socialismo trouxe empregos para este país e o fez renascer lutando contra o bolchevismo.

Outro acontecimento neste ano foi a visita, em fevereiro, do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel. Primeiramente, ele foi até o ponto de apoio do partido Paulista para depois encontrar o grupo local de Recife. Este grupo organizou no clube alemão uma recepção que foi chamada de *Noite dos Camaradas*, onde Cossel e outros partidários discursaram. As falas se concentraram no último acontecimento do movimento hitlerista no exterior: o assassinato do chefe nazista na Suíça, Gustloff.

Aos 18 de abril, a colônia alemã Paulista (PE) e de Recife voltaram a se reunir para a comemoração do aniversário de Hitler. Segundo o jornal, 140 participantes foram de “ônibus, bonde e autos” para a colônia Paulista (PE). A festa foi organizada pelo grupo do partido nazista local de Recife e o ponto de apoio do partido da Colônia Paulista. O partidário Schmidt fez o discurso de abertura. Em seguida, garotos e garotas da Juventude Hitlerista declamaram uma poesia em homenagem a Adolf Hitler. Houve, então, o discurso do partidário Sieck (1935) sob a foto de Hitler, enfatizando que o estadista, em seu 47º aniversário, era o “símbolo da nação alemã, a união entre um homem de estado e construtor do Reich” (SIECK, 1935, p. 2). Entre os feitos deste líder nazista, estaria a reestruturação das forças armadas alemãs que desde a I Guerra Mundial estavam desarticuladas. A nova lei da comunidade alemã em Recife deveria ser “ter confiança” na liderança do Führer: “Alemães em todo o mundo celebram o homem pelo qual nosso coração bate de amor e de gratidão sinceros” (DEUTSCHER KLUB PERNAMBUCO, n. 16, jun. 1935). Após seu discurso, foi entoado o hino padrão para estes eventos: a canção de Horst-Wesel e feito o sinal de *Sieg Heil*.<sup>9</sup> Em seguida houve um concerto de piano.

---

<sup>9</sup> Observam-se elementos em comum nas festividades nazistas em todo o Brasil como a entoação do hino alemão, da canção de Horst-Wessel, a presença da Juventude Hitlerista e, em alguns eventos, marchas com bandeiras nazistas e entoação do hino brasileiro.



Fiel ao calendário nazista, a comunidade alemã em Pernambuco também comemorou a chamada “maior festa nacional da Alemanha”, o 1º de maio. O jornal do clube enalteceu o evento — noticiando que 90% da comunidade teutônica estava presente: “É raro ver aqui uma festa na qual todos os membros da comunidade alemã participem de seus preparativos nesta extensão, como foi o caso nesta vez” (DEUTSCHER KLUB PERNAMBUCO, n. 73, maio 1936). O jornal destacou também a “presença ativa” das mulheres germânicas nos preparativos. O ritual da comemoração seguiu o da grande maioria das festas do dia do trabalho realizadas pelas comunidades alemãs pelo Brasil: iniciou-se com uma marcha da bandeira, seguida de concerto com flauta e comes e bebes (café com bolo) e terminou com o hino de Horst-Wesel e a saudação do *Sieg Heil* em homenagem ao Führer e seu povo. Segundo o jornal do clube, o discurso foi proferido em português, devido à presença de alguns brasileiros e teve o tom especial de “mostrar aos brasileiros o que os alemães querem”, que seria resumido em espaço (*Raum*) (DEUTSCHER KLUB PERNAMBUCO, n. 73, maio 1936).

O líder da imprensa no partido local, Angermann, aproveitou a ocasião para fazer um discurso sobre os problemas sociais da Alemanha. O jornal noticiou que houve danças até a madrugada. Os dirigentes da escola alemã decretaram o dia seguinte como feriado para alunos e professores. O jornal lembrou que a data também estava sendo comemorada na Alemanha. Após os discursos, foi entoado o hino nacional do Brasil (DEUTSCHER KLUB PERNAMBUCO, n. 73, maio 1936).

Em 1926, foram contabilizados 400 a 500 alemães em Recife. Muitos deles moravam na colônia Paulista (PE) que tinha recebido ex-oficiais do exército alemão da I Guerra e que trabalhavam, em sua maioria, em firmas de algodão. Além da mão-de-obra, havia também interesse pela tecnologia alemã, com a importação de máquinas para as usinas de açúcar. Mas, segundo o relatório, “com a sociedade pernambucana, os alemães tem muito pouco a ver”.<sup>10</sup>

Em outros estados do Nordeste não havia presença oficial do partido, mas mesmo assim, tinha uma pequena representatividade de alemães imigrantes. É o caso do Maranhão, cuja comunidade contava apenas com 20 a 30 germânicos, que se dedicavam à produção do óleo de babaçu e trabalhavam em três firmas alemãs na região. Estes teutos reclamavam das dificuldades de escoamento dos produtos pelos portos destes estados.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Relatório de Rubert Knipping, enviado alemão no Brasil (1925-1933). Rio de Janeiro, 25 out. 196. R127507. AA/B, Alemanha.

<sup>11</sup> Id.

## Referências

- ABECK, Helmut. *Colaboração pangermânica no Paraná nos últimos cinquenta anos (1929-1979)*. Curitiba: Entre Rios, 1980.
- BARTELT, Dawid Danilo. *Die Auslandsorganisation der NSDAP in Brasilien im Rahmen der deutsch-brasilianischen Beziehungen 1931 bis 1939*. Berlin: Magister-Arbeit FU, FB Geschichtswissenschaften, 1991.
- BENZ, Wolfgang; GRAML, Hermann; WEIß, Hermann (Orgs.). *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*. 4. ed. Munique: DTV, 2001.
- BREPOHL, Marionilde Dias. *Pangermanismo e nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: 1998.
- COEHN, Esther. *O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil*. 1988. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1988.
- COSSEL, Hans Henning von. *Polistisches Auslandsdeutschtum*. Ponta Grossa: 1933.
- CYTRYNO/WICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.
- DEUTSCHE KLUB PERNAMBUCO. Alemanha, n. extra, 1934.
- \_\_\_\_\_. Alemanha, n. 16, jun. 1935.
- \_\_\_\_\_. Alemanha, n. 71, maio 1936.
- \_\_\_\_\_. Alemanha, n. 73, maio 1936.
- DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: IMESP, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Nazismo Tropical. O partido nazista no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- GERTZ, René Ernaini. *O Fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- HILTON, Stanley. *Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil (1939/1944)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro*. Technische Universität zu Berlin – Fachbereich Geschichte. Zentrum für Antisemitismusforschung, 2001.

PEIXOTO JUNIOR, José Carlos. A quinta coluna do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941). In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Associações nazistas no Brasil (1938-1945)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

SANT'ANNA, Sergio Bairon Blanco. *História palinódica: significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira*. 1991. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

SEITENFUSS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930/1942: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Nacional; Brasília, DF: Fundação Pró-Memória, 1985.